

Produção deve subir 3,8% em 2007

Antes mesmo de saber da frustrante decisão do governo de adiar o anúncio do tão propalado pacote econômico para incrementar o crescimento do país, o Banco Central já havia reduzido as chances de o Produto Interno Bruto (PIB) aumentar 5% em 2007, como deseja o presidente Lula. Ao detalhar ontem, no final da manhã, o relatório trimestral de inflação do BC, o diretor de Política Econômica da instituição, Afonso Bevilaqua, disse que a expansão do Produto Interno Bruto (PIB) no ano que vem será de 3,8%, índice que, mais uma vez, deixará o Brasil na rabeira do ranking do crescimento mundial. Para 2006, o BC reduziu as estimativas, depois do fiasco do terceiro trimestre, quando o PIB cresceu apenas 0,5%: a proje-

ção passou de 3,4% para 3%, ainda acima das perspectivas do mercado, de 2,7%.

Indagado pelo **Correio** se, ao divulgar tal previsão para 2007, o BC não estava jogando uma pá de cal nos planos do governo de impulsionar o crescimento, Bevilaqua foi taxativo: "As nossas projeções foram feitas com base em informações disponíveis neste momento. As medidas que serão anunciadas pelo governo são desconhecidas. Portanto, seus efeitos não podem ser incorporados em nossas estimativas". O diretor do BC afirmou ainda que projeções para o PIB estão sujeitas a muitos erros, devido à complexidade das variáveis consideradas nos cálculos. "Mas são as melhores estimativas que podemos fazer hoje", destacou. Bevilaqua

disse mais: "Essa atividade (de fazer projeções para o PIB) é extremamente técnica. Não envolve felicidade".

Apontado como o mais conservador dos diretores do BC e o primeiro a aparecer na lista de possíveis demitidos da instituição no segundo mandato de Lula, Bevilaqua fez questão de ressaltar que, com a taxa básica de juros (Selic) no menor nível da história (13,25% ao ano), vários entraves para um crescimento mais robusto da economia ficaram evidentes. "Existe sempre a tentação de atribuir o baixo crescimento da economia à política monetária. Mas há outros fatores que afetam as decisões de investimentos, que impulsionam o crescimento, como a carga tributária elevada, o excesso de burocracia e o elevado custo

da mão-de-obra", assinalou.

Para ele, o BC tem seguido à risca a sua missão de controlar a inflação para manter um cenário de previsibilidade para os agentes econômicos. "E isso está sendo feito, tanto que os investimentos produtivos e o consumo das famílias estão em alta. Há, porém, um limite para essa previsibilidade macroeconômica. Ela é só um componente para as decisões de investimentos e de consumo. É preciso também criar um ambiente mais favorável para os negócios", frisou Bevilaqua. Em 2006, acredita o BC, a inflação será de 3,1% (ante os 3,4% previstos até setembro). No próximo ano, os preços ao consumidor deverão subir, na média, 3,9% (a estimativa anterior era 4,3%). Para 2008, a previsão é de uma taxa de 4,5%. (VN)